

Coleção Aventuras Grandiosas

**Alexandre Dumas**

# OS TRÊS MOSQUETEIROS

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

3ª edição

 **EDITORA  
RIDEEL**

## Capítulo 1

# D'ARTAGNAN VIAJA À CORTE

— Vá, meu filho. E não se esqueça de que você é um nobre. Quando chegar à corte, só deve curvar-se diante do rei Luís XIII e do Cardeal Richelieu — recomendou o pai de D'Artagnan logo depois de ensinar ao filho os últimos truques no manejo da espada.

Dessa maneira, D'Artagnan deixou sua casa na Gasconha e dirigiu-se à corte **PARISIENSE**. Seu enorme desejo era fazer parte dos corajosos mosqueteiros, os responsáveis pela guarda do rei. Seu pai havia sido um deles, tinha vivido aventuras e honrado o nome do rei.

Aos dezoito anos de idade, partiu levando a espada do próprio pai, algumas roupas, um cavalo velho e o pouco dinheiro que havia em casa, pois, apesar de nobre, sua família não era rica. O principal era o que levava no bolso: uma carta que deveria ser entregue ao Sr. de Tréville, comandante do Regimento dos Mosqueteiros e antigo parceiro de batalhas de seu pai. Nela este pedia que o amigo integrasse o filho à tropa dos **DESTEMIDOS** mosqueteiros.

No meio do caminho para Paris, D'Artagnan parou para descansar em uma **ESTALAGEM** na cidade de Meung. Próximo à porta do lugar percebeu um grupo de homens dando risada e apontando para as péssimas condições de seu cavalo. Irritado, o jovem dirigiu-se àquele que lhe pareceu o líder do grupo e disse:

— Saiba que, se está rindo do meu cavalo, está ofendendo um animal **INDEFESO**. Por que não cria coragem e ofende o dono também?

— Mas que cavaleiro valente... — exclamou o **FIDALGO**, dando uma boa gargalhada a D'Artagnan e provocando uma risada geral.

Enraivecido, D'Artagnan puxou a espada da bainha pela primeira vez desde sua saída de casa e saltou em direção ao homem:

— Lute por sua honra ou irei feri-lo de qualquer maneira!

— Não vou sujar minhas mãos de sangue nem vou perder meu tempo com um **GASCÃO** orgulhoso. — Disse isso e, num piscar de olhos, fez sinal para que seus dois criados atingissem D'Artagnan pelas costas, deixando o jovem caído no chão, tonto com tantas batidas na cabeça.

Observando o rapaz desmaiado, o fidalgo ainda chutou D'Artagnan e mandou que o **REVISTASSEM**. Foi então que descobriu a carta endereçada ao

- **PARISIENSE:** de, pertencente ou relativo a Paris, capital da França
- **DESTEMIDO:** sem medo, corajoso
- **ESTALAGEM:** hospedaria
- **INDEFESO:** sem defesa
- **FIDALGO:** indivíduo que tem título de nobreza
- **GASCÃO:** pessoa que nasceu na Gasconha, França
- **REVISTASSEM:** examinassem, passassem a buscar



Sr. de Tréville. Guardou a carta para si, deu as costas para o **DESFALECIDO** e foi falar com a linda jovem que se encontrava em uma carruagem do outro lado da rua e que assistira a toda a cena. Apesar de não ter forças para se levantar, D'Artagnan já começava a voltar a si do desmaio. Percebeu que a moça de pele alva, cabelos loiros e olhos azuis parecia ter intimidade com o fidalgo, e que os dois conversavam em inglês. Não conseguiu entender o que diziam, mas não se esqueceu daquela cena.

O dono da estalagem ficou com pena do rapaz e o convidou para passar a noite por lá. Também lhe contou que sua carta havia sido roubada. Inconformado, D'Artagnan jurou que iria contar tudo ao Sr. de Tréville, e que este, por sua vez, iria informar os fatos ao rei.

No dia seguinte, D'Artagnan chegou a Paris e saiu à procura de um lugar para ficar. Depois de andar pela cidade a tarde toda, encontrou uma pensão. Era um lugar simples, até meio malfrequentado, mas, de acordo com o que lhe informaram, ficava bem perto da mansão do Sr. de Tréville.

## Capítulo 2









### D'ARTAGNAN ENCONTRA O SR. DE TRÉVILLE

O Sr. de Tréville era um homem muito sério e respeitado. Como era comandante dos mosqueteiros, sua casa vivia cheia deles. Os servidores do rei visitavam seu chefe para receber ordens e pedir conselhos.

Por sua **LEALDADE** ao rei, os mosqueteiros não eram **APRECIADOS** pelo poderoso cardeal Richelieu, ministro de Luís XIII. O cardeal tinha sua própria guarda, que era **RECRUTADA** entre grandes **ESPADACHINS** da França. Embora fossem proibidos **DUELOS** na corte, as duas guardas por vezes entravam em **ATRITOS**, que acabavam em lutas de espada e morte.

Ao chegar à mansão do Sr. de Tréville, D'Artagnan conseguiu passar pela multidão e marcar uma **AUDIÊNCIA** com o comandante.

— Vai ter de esperar, meu jovem, mas o Sr. de Tréville o atenderá ainda hoje — disse o porteiro.

-  **DESFALECIDO:** caído, desmaiado, sem forças
-  **LEALDADE:** fidelidade
-  **APRECIADO:** admirado, estimado
-  **RECRUTADA:** selecionada, escolhida
-  **ESPADACHIM:** aquele que luta com espada
-  **DUELO:** luta com armas iguais; combate entre duas pessoas
-  **ATRITO:** briga
-  **AUDIÊNCIA:** reunião com alguma autoridade





Enquanto esperava, D'Artagnan ficou observando dois mosqueteiros que conversavam.

— Bonito cinturão, Porthos — falou um deles.

— Obrigado, Aramis. É bordado com fios de ouro e pedras preciosas.

Porthos era alto, forte, falava e gesticulava muito. Aramis parecia bem mais jovem, mas podia-se notar que não tinha o gênio estourado do amigo, pois conversava com tranquilidade.

Algum tempo depois, o porteiro anunciou que D'Artagnan já podia entrar. O jovem se apresentou ao Sr. de Tréville e disse:

— É uma honra enorme estar diante do comandante dos mosqueteiros.

— Pelo sotaque, vejo que vem da **PROVÍNCIA**, meu jovem. Então somos **CONTERRÂNEOS**. Tenho saudades da minha terra natal — completou o Sr. de Tréville.

D'Artagnan explicou quem era seu pai e estava pronto para continuar expondo os motivos de sua visita, mas o Sr. de Tréville fez um gesto com a mão pedindo que aguardasse.

— Se me dá licença, tenho um assunto urgente para tratar antes de continuarmos nossa conversa. — disse isso e chamou aos gritos o nome de três mosqueteiros: — Athos! Porthos! Aramis!

Os dois homens que há pouco conversavam sobre o cinturão de ouro do lado de fora entraram cabisbaixos. O Sr. de Tréville olhou sério para eles e disse:

— Estou sabendo de uma enorme bagunça dentro de uma **TABERNA** na noite passada. Houve luta de espada e tudo. O rei está muito chateado, não acredita que seus próprios mosqueteiros sejam uns **BADERNEIROS**. O que os senhores têm a me dizer sobre isso? Aliás, onde está Athos? Imagino que esteja se recuperando da noite passada.

Como nenhum dos dois respondeu, o Sr. de Tréville continuou:

— Ainda por cima tenho de agüentar a humilhação de saber que vários mosqueteiros foram presos pela guarda do cardeal por acusação de desrespeito à lei contra os duelos. Isso é demais!

Naquele momento, Athos entrou na sala, envergonhado pelo atraso.

— Desculpe-me, capitão. Estou às suas ordens.

Na presença de Athos os outros dois mosqueteiros sentiram-se mais tranqüilos para começar a se explicar. Os três eram amigos fiéis, um passava confiança ao outro. Assim, Porthos falou:

— O senhor tem razão em estar bravo, mas não foi culpa nossa. Os guardas do cardeal nos pegaram de surpresa. Primeiro nos provocaram e

- 🐿️ **PROVÍNCIA:** o interior de um país, por oposição à sua capital e subúrbios
- 🐿️ **CONTERRÂNEO:** pessoa que é original do mesmo local, da mesma terra; compatriota
- 🐿️ **TABERNA:** casa onde se vende vinho
- 🐿️ **BADERNEIRO:** bagunceiro

depois aproveitaram nossa reação para nos prender. Athos foi ferido no ombro e quase morreu.

— Vocês não podem arriscar a vida por bobagens. Não aceitem provocações da guarda de Richelieu ou terei de renunciar ao meu posto de comandante. Não tenho mais o que dizer ao rei.

O Sr. de Tréville disse isso já com a voz mais calma. Estava feliz por seus homens estarem bem. Athos deu um passo à frente e pediu:

— Se me perdoam mais uma vez, senhor, creio que preciso descansar. Permite que eu me retire?

Ao dizer isso, caiu no chão e desmaiou. Todos correram para atendê-lo. Chamaram um médico e Athos logo voltou a si. Saiu, em seguida, **AMPARADO** pelos amigos.

— Não esqueçam — disse o Sr. de Tréville enquanto os mosqueteiros se retiravam. — Vocês são importantes para a segurança do reino. Devem agir de maneira **CIVILIZADA**.

E despediu-se com um abraço em cada um. O Sr. de Tréville então olhou para D'Artagnan e se desculpou pelo ocorrido.

— Vamos continuar, meu jovem gascão. Saí da Gasconha há muito tempo e lutei ao lado de seu pai na guarda do rei.

— É exatamente por isso que estou aqui. Também quero ser um mosqueteiro.

— Um mosqueteiro precisa ter muita coragem. Para que desenvolva suas habilidades de lutador e prove sua valentia, é preciso trabalhar por algum tempo em outro regimento antes de ser aceito entre a guarda particular do rei.

Desanimado, D'Artagnan então resolveu contar ao Sr. de Tréville sobre a carta que lhe tinha sido roubada. Se a carta do pai fosse encontrada, talvez pudesse lhe servir de um tipo de documento para que fosse aceito entre os mosqueteiros.

— Como era o tal homem? E a mulher com quem conversava? Os dois falavam inglês? Algum deles comentou meu nome, o do rei ou o do cardeal?

O Sr. de Tréville encheu D'Artagnan de perguntas. Ficou preocupado, pois sabia que, se o ladrão da carta fosse quem ele estava pensando, D'Artagnan tinha corrido até perigo de vida.

— Se encontrar esse homem pela rua, desvie dele. É uma pessoa perigosa. Vou escrever uma carta ao chefe da Real Academia e ele irá ingressá-lo em sua guarda. Faça um bom trabalho por lá e logo poderá tornar-se um mosqueteiro.

Enquanto o Sr. de Tréville escrevia a carta, D'Artagnan ficou observando o movimento do lado de fora da janela. Era bonito ver os parisienses movimentando-se nas ruas.



**AMPARADO:** escorado, apoiado, sustentado

**CIVILIZADA:** culta, instruída, bem-educada



Com a carta na mão, D'Artagnan agradeceu ao Sr. de Tréville e já ia saindo quando viu o tal homem da estalagem de Meung do lado de fora. Esqueceu as despedidas e saiu correndo pelas escadas, gritando:

— Segurem este ladrão!

O Sr. de Tréville não entendeu bem os modos do fidalgo e **RESIGNOU-SE** a balançar a cabeça. Fechou a porta do **GABINETE** pensando: “Estes jovens ainda precisam aprender muita coisa...”

### Capítulo 3

## TRÊS DUELOS MARCADOS

D'Artagnan estava com muita pressa e, descendo as escadas feito louco, acabou **ESBARRANDO** em Athos, que andava devagar, apoiado no **CORRIMÃO** para não machucar ainda mais o ombro ferido.

— Está maluco, rapaz? Não olha por onde anda? — disse Athos.

— Desculpe-me, mas tenho de correr — disse D'Artagnan.

— É tudo o que o senhor tem a dizer, seu rapazote? Saiba que nesta corte **PREZAMOS** os bons modos. Pelo visto não é daqui.

— Vamos resolver isto mais tarde. Realmente tenho pressa. O senhor tem razão, não sou daqui, mas tenho muito boa educação, fique sabendo.









— Pois muito bem, espero-o ao meio-dia em frente ao convento das freiras **CARMELITAS**. Vamos tirar isso tudo a limpo.

— Está bem, até lá — disse D'Artagnan, partindo como um foguete.

Na saída da mansão, outro **INCIDENTE** infeliz ocorreu. D'Artagnan tropeçou no degrau da porta e caiu em cima de Porthos, que ajeitava sua capa do lado de fora. O fidalgo acabou por cair no chão e a cena arrancou risos dos **PASSANTES**. orthos partiu imediatamente para cima de D'Artagnan.

— Seu, seu...! Fez isso de propósito para me humilhar! Saiba que sou um mosqueteiro! — E foi logo tirando a espada da bainha.

— Senhor, tenho muita pressa e peço-lhe desculpas. Vamos nos encontrar mais tarde e me explicarei.

-  **RESIGNOU-SE:** conformou-se
-  **GABINETE:** sala de trabalho, escritório
-  **ESBARRANDO:** indo de encontro, topando
-  **CORRIMÃO:** peça ao longo e ao lado de uma escada que serve para resguardo e apoio da mão
-  **PREZAMOS:** estimamos, apreciamos
-  **CARMELITA:** freira da ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo
-  **INCIDENTE:** episódio, aventura, peripécia, acontecimento acidental
-  **PASSANTE:** pessoa que passa pela rua



— Ah, mas vai se explicar mesmo! Aguardo-o à uma hora da tarde nos **ARREDORES** do Palácio de Luxemburgo. Leve sua espada!

D'Artagnan confirmou o encontro e saiu correndo pela rua, mas não viu mais o homem e que havia roubado sua carta de recomendação. Foi só naquele momento que se deu conta das bobagens que havia conseguido fazer. Saiu correndo sem agradecer o Sr. de Tréville como deveria e ainda por cima ia ter de lutar com dois guardas do rei. Colocou a mão na cabeça pensando em como iria agir e voltou para a mansão. Talvez pelo menos pudesse se desculpar com o Sr. de Tréville.

Na porta da mansão, encontrou Aramis conversando com três guardas. Desejando ser simpático e de certa forma agindo por **INSTINTO**, recolheu do chão um lenço que caíra do bolso de Aramis e entregou-lhe.

— Aqui está seu lenço, senhor. Acabou de cair-lhe do bolso.

— Não é meu — respondeu Aramis, com um olhar **FUZILANTE** a D'Artagnan.

— Não precisa ficar vermelho, Aramis — disse um dos guardas, com uma ponta de **IRONIA**. — Não há por que esconder que está apaixonado pela linda dama que o presenteou com este lenço.

Os outros riram discretamente. D'Artagnan, percebendo que havia se metido em outra confusão, chegou perto do fidalgo e **COCHICHOU**:

— Desculpe-me, senhor, não fiz por mal. Pensei que o lenço era seu.

— Pois pensou errado, meu jovem. Já percebi que veio da província e pelo jeito não sabe como se comportar na corte.

— Senhor, mas se eu quis justamente ser-lhe útil ao recolher o lenço!

— Chega, seu provinciano insolente! Acertaremos nossas contas às duas horas bem aqui em frente.

— Muito bem, como quiser. Um gascão não foge de uma luta.

D'Artagnan desistiu de ir falar com o Sr. de Tréville. Estava preocupado com os três duelos marcados. Como iria sair desta situação?

## Capítulo 4

### E AGORA, D'ARTAGNAN?

D'Artagnan chegou ao convento das carmelitas pontualmente ao meio-dia. Athos limpava a espada.



**ARREDOR**: imediação, cercania, proximidade



**INSTINTO**: impulso espontâneo alheio à razão



**FUZILANTE**: que fuzila, que lança clarões ou centelhas (também em sentido metafórico = que condena com os olhos)



**IRONIA**: sarcasmo, zombaria



**COCHICHOU**: disse em voz baixa, segredou, murmurou





Vamos aguardar dois amigos que convidei para padrinhos do duelo e lutaremos em seguida — disse o mosqueteiro.

Nisso, chegaram Porthos e Aramis.

— São vocês os padrinhos? — espantou-se D’Artagnan.

— Ora, não sabe que somos “os três inseparáveis”? — disse Porthos.

Surpreso, D’Artagnan concluiu:

— Pelo jeito só haverá um duelo. Não acredito que vencerei nem um mosqueteiro, quanto mais três, e justamente “os três inseparáveis”.

Em seguida, Athos e D’Artagnan cumprimentaram-se e cruzaram as espadas, preparando-se para a luta. Mas antes que começassem, um grupo de homens da guarda do cardeal saiu de trás de um muro lateral. Tinham escutado toda a conversa.

— Parem! O gascão aí estava quase certo — disse o chefe do grupo. — Não haverá nenhum duelo porque é proibido duelar na corte. Estão todos presos!

— Isso não! — gritou Porthos. — Somos só três contra cinco, mas somos os mosqueteiros do rei! Não nos curvaremos diante dos guardas de Richelieu.

— Três não, quatro contra cinco — disse D’Artagnan, unindo-se aos mosqueteiros.

Com a ajuda de D’Artagnan, o combate começou imediatamente. Pegando o chefe dos guardas de surpresa, D’Artagnan derrubou-o com uma rapidez incrível, apesar de seus golpes não terem a elegância dos de um mosqueteiro. Vendo que Athos tinha mais dificuldade que os outros em função de seu ombro ferido, D’Artagnan partiu em seu **AUXÍLIO**.

— Tente **DESARMÁ-LO!** — ordenou Athos a D’Artagnan.

Num golpe rápido, o jovem fidalgo chutou longe a espada do guarda. Logo, só restava um guarda em condições de lutar, mas este quebrou sua espada ao meio e esperou a reação dos mosqueteiros. Acabaram por deixá-lo ir, em homenagem à sua coragem.

Depois de chamarem as freiras carmelitas para cuidar dos feridos, os quatro saíram animados em direção à casa do Sr. de Tréville. Na entrada da mansão, D’Artagnan perguntou aos três:

— Vocês acham que me saí bem no meu primeiro dia de luta?

Os três se olharam e caíram na risada. D’Artagnan achou que era um sinal de resposta positiva. Já na presença do Sr. de Tréville, os três mosqueteiros foram elogiados pelo comandante, que, embora não gostasse de duelos, apreciava qualquer vitória contra a guarda de Richelieu. O chefe dos mosqueteiros elogiou D’Artagnan por sua coragem, mas advertiu-o de que deveria apresentar-se ao chefe da Real Academia quanto antes. Afinal, ainda não podia lutar entre os mosqueteiros.



**AUXÍLIO:** ajuda



**DESARMÁ-LO:** tirar sua arma

## Capítulo 5

# O NOVO GUARDA REAL

Athos, Porthos e Aramis convidaram D'Artagnan para jogar **PELA** no dia seguinte. Mais tarde, eles o levariam pessoalmente até a Real Academia. Finalmente D'Artagnan já sentia que tinha amigos na corte. Como era a primeira vez que jogava, o jovem gascão ficou um pouco atrapalhado e perdeu o jogo. Um fidalgo que assistia foi logo provocando:

— É claro que esses provincianos não entendem nada de pela. É um jogo de inteligência. Mas até que não jogou mal para um **APRENDIZ** de mosqueteiro.

Ofendido, D'Artagnan foi logo enfrentando o homem:

— Que tal um jogo de espadas? Aposto que, mesmo sendo um aprendiz, ganho do senhor.

— Tem ideia de quem sou? — respondeu o fidalgo com ar de **DEBOCHE**.

— Não tenho a mínima e também não me interessa em saber. Convido-o para me encontrar em frente ao portão imediatamente, senhor.

— Pois saiba que sou Bernajoux, um dos maiores espadachins do reino.

— Pois vamos lá, Sr. Bernajoux, está levando tempo demais!

Bernajoux, conhecido por ser um homem provocador e briguento, saiu correndo até o portão. Nunca havia sido desafiado de tal maneira. Apesar de toda a sua experiência como espadachim, não conseguia se defender dos **OPORTUNOS** golpes do jovem gascão. O rapaz quase o prendeu contra uma parede, mas Bernajoux conseguiu escapar e distanciar-se até os portões do Palácio de La Trémouille. Seus parentes trabalhavam lá e tinha certeza de que o ajudariam. D'Artagnan o seguia com golpes cada vez mais fortes. Vendo que os guardas do cardeal já corriam em direção ao palácio para prender os **COMBATENTES**, Athos, Porthos e Aramis ergueram as espadas e gritaram ao mesmo tempo:

— Um por todos e todos por um! — E uniram-se a D'Artagnan.

Em pouco tempo surgiram mais guardas do cardeal e muitos mosqueteiros. A luta sangrenta só acabou quando Bernajoux caiu no chão. Estava muito machucado e pediu que não o matassem. Aramis chamou os amigos e disse:

— Vamos, amigos, vamos falar com o Sr. de Tréville. Ele tem de avisar o rei sobre o ocorrido antes que informantes do cardeal o façam.

O rei estava numa caçada em Saint-Germain com o cardeal, mas é claro que ficou sabendo de tudo. Richelieu recebeu um mensageiro, que lhe contou



**PELA:** jogo com uma bola de borracha

**APRENDIZ:** principiante, pouco experiente, aquele que aprende ofício ou arte

**DEBOCHE:** zombaria

**OPORTUNO:** apropriado, que vem a tempo ou quando convém

**COMBATENTE:** pessoa que combate, soldado, guerreiro





os fatos. Preocupado, o rei quis saber o que se passava, e o cardeal fez questão de dizer que seus mosqueteiros tinham criado confusão novamente:

— Dessa vez foram longe demais, majestade, quase mataram um homem!

No dia seguinte, Luís XIII mandou chamar o Sr. de Tréville, Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan e disse aos cinco:

— Estou **FARTO** dessas batalhas inúteis! Também não aguento mais esse leva e traz do cardeal. Vou pessoalmente ao Palácio de La Trémouille investigar o que ouviu. Na volta conversaremos.

O rei Luís XIII falou pessoalmente com Bernajoux, que se recuperava num dos quartos do palácio. Bernajoux confessou que ele mesmo provocara a briga com D'Artagnan e que o jovem lutara para defender sua honra. O rei **REPREENDEU** Bernajoux, mas não lhe deu nenhum castigo, pois ele tinha dito a verdade.

De volta ao palácio real, Luís XIII disse que se orgulhava de ter uma guarda tão fiel e unida. Cumprimentou o comandante e pediu:

— Encaminhe este jovem gascão à Companhia de Guardas Reais enquanto se prepara para ser um mosqueteiro. Este rapaz tem futuro; logo o convidarei pessoalmente para ser um mosqueteiro do rei.

O Sr. de Tréville agradeceu os elogios. Ficou feliz por D'Artagnan e também porque as calúnias do Cardeal Richelieu tinham sido desvendadas.

## Capítulo 6

### UM SEQUESTRO NA CORTE

Athos tinha quase trinta anos, era bonito e inteligente. Sua família era de origem nobre, mas Athos vivia modestamente em dois pequenos cômodos que dividia com seu criado Grimaud. Na parede de seu quarto havia uma espada **CRAVEJADA** de pedras preciosas que ele não pensava em vender nem nos momentos mais difíceis.

Porthos era genioso e falante. **OPINAVA** sobre todos os assuntos sem se importar se os outros concordavam ou prestavam atenção. Tinha uma casa elegante e um criado bem-vestido, chamado Mousqueton. Adorava promover festas e **JOGATINAS**.

Aramis era bem mais **COMEDIDO** que os outros dois. Gostava de ler e estudar. Dizia que estava se preparando para, um dia, tornar-se padre. Morava

- 🐞 **FARTO**: cansado, repleto
- 🐞 **REPREENDEU**: censurou, advertiu
- 🐞 **CRAVEJADA**: pregada por meio de cravos, intercalada
- 🐞 **OPINAVA**: dava a opinião
- 🐞 **JOGATINA**: hábito ou vício de jogar, reunião organizada para jogar
- 🐞 **COMEDIDO**: prudente, moderado

numa pequena casa com seu criado Bazin, que, assim como o patrão, também queria ser um **ECCLESIAÍSTICO**.

Uma noite, após o jantar, D'Artagnan ouviu fortes batidas na porta de seu quarto. Planchet, o rapaz que D'Artagnan contratara para ser seu criado, abriu a porta e quem estava lá era o Sr. Bonacieux, dono da pensão. Tinha um olhar de tristeza e desespero.

— Entre, Sr. Bonacieux, o que houve? Posso ajudá-lo?

— Acredito que sim, D'Artagnan. Minha esposa foi sequestrada, estou desesperado. Como tenho visto que é forte, corajoso e que tem andado com os mosqueteiros do rei, pensei que pudesse me ajudar a encontrá-la.

— Sente-se e acalme-se primeiro, depois me explique como tudo aconteceu — disse D'Artagnan.

— Minha esposa é costureira e dama de companhia da rainha — começou Bonacieux. — Foi trabalhar no palácio real por indicação de seu padrinho, o Sr. de La Porte, que é conselheiro do rei Luís XIII. Ela se tornou muito amiga dos nobres e acabou sabendo que armaram uma cilada para **DESMORALIZAR** a rainha. Por ter descoberto tudo, raptaram-na.

— Que cilada foi essa? — perguntou D'Artagnan.

— Como se sabe, a França está praticamente em guerra com a Inglaterra. Por isso, alguém escreveu uma carta ao duque de Buckingham em nome da rainha, pedindo que ele viesse a Paris encontrar-se com ela. Como o duque inglês está apaixonado pela rainha, achou que a carta era verdadeira e caiu direitinho na emboscada. Agora ele está se dirigindo ao reino. Se por acaso os dois se encontrarem, mesmo que seja um encontro inocente, será o bastante para que o cardeal **INSTIGUE** o rei a pensar que os dois são amantes.

— E o que o cardeal ganha com isso? — prosseguiu D'Artagnan.

— Ele iria desmoralizar a família real, dizendo que a rainha é uma traidora da França. Assim aumentaria seus poderes políticos, que já são enormes.

— E o que quer que eu faça, Sr. Bonacieux?

— Quero que salve minha esposa. Recebi um bilhete pedindo que eu não a procure, mas tenho medo que lhe façam algum mal. Ajude-me, D'Artagnan.

O jovem espadachim saiu imediatamente para investigar os fatos. Quando abriu a porta, o Sr. Bonacieux deu um grito:

— Veja, aquele homem de capa preta tem me seguido dia e noite.

O grito de D'Artagnan foi ainda mais alto:

— Mas é o homem de Meung! Aquele que me tratou a pontapés.

Saiu correndo em direção a ele, mas não encontrou nem sinal do fidalgo.



**ECCLESIAÍSTICO**: pertencente à Igreja, membro do clero



**DESMORALIZAR**: fazer perder a confiança, tirar o bom nome de



**INSTIGUE**: provoque



## Capítulo 7

# NOITES DE VIGÍLIA

D'Artagnan foi conversar com os três amigos mosqueteiros e contar-lhes toda a história do Sr. Bonacieux. Depois saiu à procura da Sra. Constance Bonacieux, mas não encontrou nada. Desde que vira a esposa de seu **SENHORIO** pela primeira vez, ficara encantado pela beleza e jovialidade daquela dama. Tinha uns vinte e quatro anos, cabelos castanhos e olhos azuis, pele clara e corada.

Nas noites seguintes, D'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis decidiram se revezar vigiando a casa dos Bonacieux, que ficava em frente ao quarto alugado por D'Artagnan. Talvez alguém aparecesse para investigar a pensão ou para passar outra mensagem ao marido.

Na segunda noite, D'Artagnan viu o Sr. Bonacieux abrir a porta assustado. Logo atrás dele vinham quatro guardas do cardeal Richelieu. Eles arrombaram a janela, entraram, prenderam o dono da pensão com uma rapidez incrível e então o levaram numa carruagem. D'Artagnan desceu as escadas de seu quarto aos pulos, mas tudo o que conseguiu foi correr atrás da carruagem. Ele pediu a Planchet que avisasse os mosqueteiros, assim eles poderiam informar o Sr. de Tréville sobre o ocorrido. O comandante saberia como localizar o Sr. Bonacieux na prisão e tomar providências para soltá-lo.

Enquanto isso, D'Artagnan continuou sua **VIGÍLIA**, pois sabia que o cardeal ainda iria mandar mais guardas para a pensão. Mas qual não foi sua surpresa quando, na noite seguinte, em vez de guardas, viu uma mulher coberta por uma capa se aproximar. Desceu as escadas e, quando ia chegando perto para lhe falar, viu os homens do cardeal pegarem no braço da senhora e empurrarem-na para dentro da casa. Imediatamente, D'Artagnan entrou atrás e começou a lutar com os homens. Eram quatro contra um, o que obrigou até Planchet a pegar na espada e ajudar seu patrão. Por sorte, os quatro desistiram rapidamente e fugiram correndo.

De volta à pensão, reconheceu a bela Sra. Bonacieux, que se apoiava no braço de Planchet bastante assustada.

— Obrigada por salvar minha vida, D'Artagnan. Desde que veio morar aqui percebi que era um fidalgo muito corajoso. Mais uma vez, obrigada.

— Não se preocupe em me agradecer, senhora. Fiz o que tinha de ser feito. Agora precisamos encontrar seu marido — disse D'Artagnan.

— O que houve com ele? Esperava encontrá-lo aqui.

- 🕯️ **SENHORIO**: proprietário de um prédio
- 🕯️ **VIGÍLIA**: estado de permanecer acordado cuidando de algo



— Está preso na Bastilha. Como a senhora deve saber, é lá que o cardeal prende e tortura as pessoas de quem **DESCONFIA**.

— Meu marido sabe por que fui raptada?

— Ele acredita que haja uma conspiração contra a rainha e talvez por isso tenha sido preso por Richelieu. O cardeal quer esconder suas **FALCATRUAS**.

— Tenho uma ideia, D'Artagnan. Peça que seu criado envie uma mensagem ao meu padrinho, o Sr. de La Porte. Ele é conselheiro do rei e saberá melhor do que nós o que deve ser feito.

— Eu mesmo levarei a mensagem. Enquanto isso, a senhora ficará na casa de meu amigo Athos. Lá é mais seguro. Ninguém irá desconfiar de nada.

O Sr. de La Porte recebeu a mensagem e avisou o fidalgo:

— A partir de agora tome muito cuidado, meu jovem. Você enfrentou os guardas de Richelieu e acabou por comprar uma briga com o cardeal.

Quando chegou à casa de Athos, contou aos amigos reunidos sobre os conselhos do Sr. de La Porte. Porthos bateu de leve no ombro do amigo e disse:

— Não se preocupe. Pode contar com nossa força e nossas espadas. A partir de agora você irá aprender nosso **LEMA**.

Todos então levantaram suas espadas e cruzaram-nas no ar gritando em uma só voz:

— Um por todos e todos por um!

D'Artagnan sorriu satisfeito.

## Capítulo 8

### O ENCONTRO SECRETO

Depois de alguns dias, D'Artagnan caminhava sozinho pelas ruas quando viu dois vultos mais à frente. Era tarde da noite e estava escuro, mas o jovem reconheceu a Sra. Bonacieux de braço dado com um mosqueteiro. Parecia Aramis. Achou tudo muito misterioso e não pensou duas vezes. Saiu correndo e postou-se na frente do casal. O que faziam os dois caminhando com pressa, parecendo assustados a uma hora daquelas?

— O que deseja? — perguntou o cavalheiro com um sotaque diferente.

— Oh! Quer dizer que não é Aramis — espantou-se D'Artagnan.

— Vendo que me confundiu com outra pessoa, vou desculpá-lo, mas terá que nos deixar passar.

— Espere — disse D'Artagnan, aumentando o tom de voz. — O que faz com essa senhora?



**DESCONFIA:** suspeita



**FALCATRUA:** coisa arranjada, trama, trapaça, armação



**LEMA:** frase que serve de guia; sentença, emblema





— Vejo que terei problemas — continuou o acompanhante da Sra. Bonacieux, tirando a espada da bainha.

D'Artagnan fez o mesmo e **PRONTIFICOU-SE** para o duelo, mas a bela senhora gritou:

— Por favor não, **MILORD!**

— Milord? — perguntou D'Artagnan. — Mas então o senhor é...

— Exatamente, o Duque de Buckingham — confirmou a Sra. Bonacieux.

— Perdoe-me, milord! O que posso fazer para apagar meu erro?

— Deixe-nos ir — disse a senhora. — O duque tem um encontro importante.

— Quando nos veremos, senhora? Preciso lhe falar sobre meus sentimentos.

— Entrarei em contato. Agora, adeus.

O duque e a Sra. Bonacieux entraram disfarçados no palácio real. Em um local escondido, próximo à lavanderia, a rainha Ana D'Áustria esperava pelos dois. O duque se ajoelhou diante dela assim que a viu. Incomodada com o gesto **IMPULSIVO**, a rainha pediu:

— Por favor, levante-se, milord. O senhor já sabe que não fui eu quem lhe escrevi.

— Sei, majestade, mas precisava vê-la mesmo assim.

— Desta maneira o senhor coloca em risco sua vida e minha honra. Não devemos mais nos ver. Para dizer-lhe isso concordei com este encontro.

— Sei que me ama com a mesma força que a amo. Desde a primeira vez que a vi, percebi esse amor em seus olhos, assim como deve ter sentido o meu.






— Mas é um amor proibido. Sou esposa do rei da França, um país que está quase declarando guerra contra a Inglaterra, o seu país.

— Até que esta guerra **CESSE**, peço-lhe um favor. Como prova de seu amor, dê-me alguma coisa que lhe pertença, assim poderei alimentar a esperança de tê-la ao meu lado um dia.

Ana D'Áustria tirou o colar de diamantes que usava e entregou-lhe. Era uma joia com doze pedras de diamantes em forma de gotas, o primeiro presente que ganhou do rei na ocasião de seu casamento.

— Obrigado, minha rainha. Não se esqueça de que a amo!

No dia seguinte, notícias de que o duque e a rainha haviam se encontrado chegaram aos ouvidos do cardeal Richelieu. Nesse mesmo momento, ele interrogava o Sr. Bonacieux, que negava saber o motivo pelo qual sua esposa havia sido sequestrada e que também ignorava o **PARADEIRO** dela, pois, como

-  **PRONTIFICOU-SE:** mostrou-se pronto a executar um trabalho
-  **MILORD:** do inglês "my lord" (meu senhor)
-  **IMPULSIVO:** próprio de quem age sem pensar
-  **CESSE:** pare
-  **PARADEIRO:** ponto em que alguma pessoa está ou vai parar

havia sido informado, sua esposa tinha conseguido fugir. Logo que soube da notícia, um sorriso formou-se nos lábios do cardeal. O monsenhor apertou a mão de Bonacieux e disse:

— O senhor está livre, amigo. Espero que não guarde mágoas do tratamento que recebeu aqui, mas precisamos cuidar da segurança do reino. Sei que é um bom homem; tudo não passou de um engano. Como desculpas, ofereço-lhe esta **RECOMPENSA** — disse, entregando um saco de moedas ao dono da pensão.

Em seguida, cochichou no ouvido do oficial que era seu assistente:

— Agora ele estará trabalhando para nós sem saber. Livre, vai vigiar os passos da mulher. Só precisamos segui-lo.

O Sr. Bonacieux estava emocionado por ter recebido uma recompensa das mãos do próprio cardeal.

— Pode contar comigo para o que precisar, senhor. Viva o cardeal! — saiu Bonacieux gritando, com muita **EMPOLGAÇÃO**.

Assim que ele saiu, Richelieu escreveu uma carta, selou-a com sua marca real e mandou chamar um guarda. Entregou-lhe a carta e disse:

— Esta carta deve ser entregue para **MILADY** em Londres o mais rápido possível.

O rapaz saiu imediatamente, sabendo que carregava uma correspondência confidencial. O cardeal sentou-se e esfregou as mãos num gesto de contentamento. Finalmente estava mais próximo de seus objetivos; queria ser tão poderoso quanto o rei Luís XIII.

## Capítulo 9

### INTRIGAS DE RICHELIEU

O Rei estava tratando de assuntos do reino em seu gabinete quando o cardeal entrou. Depois de enviar a carta à sua **INFORMANTE**, que residia em Londres, planejou sua conversa com Luís XIII. Na carta, pedia que *milady*, de alguma forma, tentasse entrar na casa do duque de Buckingham e roubasse dois diamantes do colar que a rainha tinha entregue ao primeiro-ministro inglês. Depois deveria dirigir-se à corte parisiense e entregar as pedras nas mãos do próprio cardeal. Mas o rei não tinha a menor ideia do que se passava.

— Infelizmente não lhe trago boas notícias, Majestade — começou o maligno Richelieu. — Fui informado de que o duque de Buckingham esteve no

- 🐣 **RECOMPENSA:** prêmio
- 🐣 **EMPOLGAÇÃO:** grande animação, vivo entusiasmo
- 🐣 **MILADY:** do inglês “my lady” (minha senhora)
- 🐣 **INFORMANTE:** pessoa que informa, informador





reino e aqui permaneceu durante cinco dias. Temo que este homem esteja conspirando contra Vossa Majestade.

Esse duque quer me roubar o amor da rainha — desesperou-se o rei.

— Não acredito nisso, Majestade. A rainha o ama e, além disso, não iria se envolver com um homem de uma nação inimiga.

— Não sei mais em quem acreditar — disse o rei. — Todos conspiram contra mim! Até minha própria esposa!

— Se quiser, posso mandar vigiá-la, Majestade.

— Faça isso, Richelieu, pela honra de um amigo. Sei que pelo menos em Vossa Eminência posso confiar.

— Atenderei essas ordens prontamente, apesar de ter certeza de que o duque de Buckingham conspira contra o reino, não contra Vossa Majestade.

— Dá no mesmo! Minha honra corre o risco de ser manchada por causa de um duquesinho que vem à França como se passeasse no jardim de sua casa.

Percebendo que o rei tinha caído em sua armadilha e pensando na segunda parte de seu plano, o cardeal continuou a conversa.

— Agora se acalme, Majestade. Tenho uma ideia para que a rainha prove seu amor e fidelidade pelo rei.

— Diga logo, Eminência.

— Vamos organizar uma festa no palácio real.

— Festa? O que uma festa tem a ver com a **DIGNIDADE** da rainha?

— Em primeiro lugar, Vossa Majestade irá agradá-la bastante com a notícia da festa. Depois, peça que ela use o colar de diamantes que lhe deu de presente de casamento. Assim seria como uma renovação dos votos que fizeram no dia das bodas.

— Que ideia perfeita e maravilhosa, Eminência! Que dia será a festa?

O cardeal pensou e calculou quantos dias *milady* levaria para chegar ao reino com as pedras do colar que provariam a infidelidade da rainha. Mesmo que Ana D'Áustria conseguisse reaver o colar, este estaria com duas pedras faltando, o que provaria que a joia tinha sido entregue ao duque inglês.


— Daqui a doze dias, ou seja, dia 3 de outubro. O que lhe parece?

— A data está marcada. Vou agora mesmo falar com a rainha.

## Capítulo 10

### O DESESPERO DA RAINHA

Ana D'Áustria tinha vinte e seis anos, mas parecia ainda mais jovem. Os cabelos castanhos cacheados tocavam-lhe o ombro delicadamente. Sua pele era clara e lisa como um veludo e seus olhos cor de mel pareciam imitar o brilho

 **DIGNIDADE:** honra, decência

do sol. No momento em que o rei entrou em seus aposentos, ela estava justamente pensando se realmente amava o duque de Buckingham. Gostava do marido, não tinha dúvidas disso, mas o duque de fato fazia seu coração bater mais rápido. O que seria esse sentimento?

Quando soube da festa, seu rosto se iluminou ainda mais. Adorava dançar e na corte não havia muito o que fazer. Porém, o pedido do rei foi como uma espada atravessando seu coração. “Usar o colar de diamantes... o que será de mim agora?”, pensou. O rei iria descobrir seu encontro com o duque. Estava certa de que tudo não passava de uma armação do cardeal. Apesar do desespero que sentiu, tranquilizou o rei:

— Serei a dama mais bem-vestida do baile, Majestade. Usarei o colar que ganhei de presente.

Luís XIII saiu satisfeito e Ana D’Áustria caiu num choro **COMPULSIVO**. A Sra. Bonacieux, sua dama de companhia, foi imediatamente **CONSOLÁ-LA**:

— O que houve, minha rainha? Vossa Majestade não está feliz com a notícia do baile?

A rainha dirigiu-se à sua criada pelo primeiro nome:

— É claro que estou, minha doce amiga Constance. O que me desespera é o pedido do rei. Na noite da festa, devo usar o colar de diamantes que entreguei ao duque de Buckingham. O que vou fazer? — repetia, **DESCONSOLADA**.

— Majestade, enxugue as lágrimas e escreva uma carta ao duque. Seu colar estará aqui antes do baile. Meu marido é um homem de confiança e sei que levará a carta a Londres sem ao menos querer saber do que se trata. É muito discreto.

Ana D’Áustria escreveu a carta, selou com o timbre da rainha e entregou-a à Sra. Bonacieux, que partiu imediatamente para sua casa.

Lá chegando, explicou ao marido que ele deveria realizar uma missão importante em benefício da rainha, mas o Sr. Bonacieux desconfiou:

— O rei e o cardeal sabem desta carta?

— Não, é um assunto confidencial. Só confio em você para realizar este serviço.

— Pois saiba que não trairei o cardeal. Sou amigo dele.

— O quê? Amigo do cardeal? — perguntou Constance, indignada.

— Sim, senhora. Olhe só isto! — disse, mostrando o saco de dinheiro. — Foi presente do próprio cardeal. Aliás, estou indo imediatamente contar essa história estranha a ele.

Constance não acreditava que seu próprio marido estava contra ela e ao lado do cardeal. Se já sentia que não o amava como antes, agora tinha até



**COMPULSIVO**: incessante

**CONSOLÁ-LA**: confortá-la, suavizar sua aflição e seu sofrimento

**DESCONSOLADA**: triste, aflita, desanimada





desprezo por ele. Sem saber que atitude tomar, sentou na mesa da cozinha e cobriu o rosto com as mãos. Nisso, ouviu um assobio:

— Psiu! Aqui no alto, senhora.

Era D'Artagnan, que ouvira toda a conversa dos Bonacieux.

— Seu marido não a merece, senhora. Permita-me dizer que, mesmo sendo um jovem inexperiente na arte do amor, sinto que a amo desde que a conheci.

— Vamos falar sobre isso depois. Agora estou muito confusa e preocupada com a rainha. Sei que é um fidalgo inteligente e admiro sua coragem. Será que posso lhe confiar a missão que deveria ter sido aceita por meu marido?

D'Artagnan concordou imediatamente:

— Farei qualquer coisa que me pedir, mas preciso saber o que trarei de Londres.

Logo que Constance explicou toda a missão ao gascão, os dois saíram em direção ao palácio real. A dama de companhia tinha de voltar para o lado da rainha sem que ninguém desconfiasse de sua **AUSÊNCIA**. D'Artagnan precisava pedir permissão ao Sr. de Tréville para fazer sua viagem. Iria ficar fora durante alguns dias. Na saída, viram o Sr. Bonacieux voltando para casa acompanhado de um guarda do cardeal. Ele logo iria descobrir que Constance havia se **APOSSADO** do saco de dinheiro do marido para custear a viagem de D'Artagnan.

## Capítulo 11

### A VIAGEM E O DUQUE DE BUCKINGHAM

Logo depois de ter conseguido a licença, D'Artagnan e seu criado Planchet partiram para Londres, viagem que durou quatro dias. Logo conseguiram chegar à mansão onde morava o primeiro-ministro da Inglaterra. O duque ficou surpreso ao ver D'Artagnan em sua casa.

— A rainha enviou-lhe esta carta — mostrou o rapaz.

O duque abriu o envelope selado e imediatamente levou D'Artagnan ao seu escritório. Abriu o cofre, pegou o colar e estendeu-o ao jovem.

— Aqui está a joia que salvará a honra de minha amada — disse.

De repente, o duque sentou e colocou as mãos na cabeça.

— Veja — disse ele, mostrando o colar —, há duas pedras faltando. Fui roubado e acho que sei quem foi. Lady Clark, uma dama com quem tive uma antiga ligação, esteve aqui esta semana com a desculpa de querer tomar um chá em nome da velha amizade. Ela me roubou as duas pedras! Como terá descoberto o segredo do cofre?

🔍 **AUSÊNCIA:** falta de alguma coisa ou de alguém

🔍 **APOSSADO:** apoderado, pegado para si

— O que faremos, milord? O baile será daqui cinco dias! — exclamou D’Artagnan.

O duque mandou chamar imediatamente o ourives, que prometeu **LAPIDAR** dois diamantes iguaizinhos. Quando chegaram a Paris, cinco dias depois, D’Artagnan só se preocupava com uma coisa: era noite e o baile já devia ter começado. Será que ele conseguiria chegar a tempo?

## Capítulo 12

### O BAILE

O salão de baile do palácio estava todo enfeitado. Por volta de nove horas entrou o rei. Foi **CALOROSAMENTE** aplaudido, e, antes de se sentar, foi falar com o cardeal, que o chamava.

— Aqui estão, Majestade, dois diamantes do colar da rainha — disse Richelieu, entregando ao rei uma caixinha com duas joias idênticas às do colar.

— Mas o que significa isto, Eminência?

— Se a rainha aparecer com o colar que Vossa Majestade pediu que usasse, conte as pedras. Com certeza serão dez em vez das doze originais.

O rei ia perguntar o que estava acontecendo, mas uma corneta soou e, no fundo do salão, fez-se a entrada da rainha. Todos os nobres aplaudiram, mas não puderam deixar de perceber certa irritação no rosto de Luís XIII. O cardeal sorriu discretamente. O rei se aproximou de Ana D’Áustria e perguntou:

— Vossa Majestade pode me informar por que não está com o colar de diamantes que lhe dei de presente e pedi que usasse esta noite?

— Tive medo de perdê-lo no meio da multidão, Majestade.





— Quero que todos vejam a joia que dei à minha esposa.

— Se faz questão vou buscá-lo, Majestade.

— Faço questão. Vá colocá-lo para a primeira dança.

A rainha saiu **DESOLADA**. Entrou em seu quarto e começou a chorar. Não havia nem sinal de D’Artagnan. Constance correu para acalmá-la, afinal faltava meia hora para o início da dança. Quando Ana D’Austria já havia perdido as esperanças, ela e sua dama de companhia levaram um susto. D’Artagnan entrou pela janela todo machucado por ter escalado as grades do palácio.

— Perdoe-me, Majestade, mas a senhora que me **INCUMBIU** da missão disse que a encomenda deveria ser entregue pessoalmente.

-  **LAPIDAR:** polir, aperfeiçoar
-  **CALOROSAMENTE:** com entusiasmo
-  **DESOLADA:** aflita, melancólica
-  **INCUMBIU:** encarregou





— Deus lhe abençoe, meu bom rapaz, não sei como agradecer — disse a rainha.

Um pouco depois das nove e meia, os músicos começaram a afinar seus instrumentos e novamente Ana D'Áustria fez uma entrada **TRIUNFAL**. Desta vez o rei abriu um sorriso e tirou a esposa para dançar. O cardeal não conseguiu disfarçar sua surpresa ao ver a bela rainha usando o colar. Após a dança, aproximou-se de Luís XIII e sussurrou aos seus ouvidos:

— Vossa Majestade contou as pedras?

— Faça-o o senhor mesmo, Eminência — disse o rei, pedindo que a rainha o permitisse.

Ao contar doze diamantes, o cardeal ficou desconcertado. O rei então abriu a caixinha com as duas pedras originais e perguntou:

— Será que agora poderia me explicar o significado destas duas joias, caro Richelieu?

Gaguejando, o cardeal inventou uma desculpa:

— São... são um presente meu para a rainha. Não tive coragem de entregá-las pessoalmente.

— Mas que maravilha! — disse a rainha. Agora tenho catorze diamantes! O rei ficou desconfiado, mas decidiu aproveitar o baile.

## Capítulo 13

# D'ARTAGNAN E OS TRÊS MOSQUETEIROS

Cansado da viagem, D'Artagnan foi repousar. No dia seguinte, sentiu falta dos amigos mosqueteiros. Como ainda tinha três dias de licença, resolveu aproveitá-los para procurar Athos, Porthos e Aramis.

Chegando à casa de Porthos, encontrou-o um tanto esquisito. Contou que os três inseparáveis também estavam de licença, após outra briga com os guardas de Richelieu. Seu estado de humor estava péssimo, pois, dessa vez, os mosqueteiros tinham levado a pior e o destemido mosqueteiro terminara a luta com dois furos de espada no braço.

Mais tarde, foi à casa de Aramis. Qual não foi sua surpresa quando seu criado Bazin guardava a porta informando que seu patrão estava em conferência com um padre e o chefe dos jesuítas. Estava se preparando para tornar-se definitivamente um padre. D'Artagnan afastou Bazin com um empurrão e entrou. Ele achava aquilo tudo uma bobagem; Aramis era um mosqueteiro, não um padre. Acreditava ser uma decepção amorosa o que fazia o amigo insistir na carreira clerical. Afinal, já o tinha visto inquieto à passagem de uma tal Sra. de



**TRIUNFAL:** com esplendor, pompa, suntuosidade

Chevreuse diversas vezes. Quando os dois eclesiásticos saíram, Aramis explicou que queria realmente tomar as ordens religiosas.

— O mundo aqui fora não me diz mais nada, quero me entregar à religião — concluiu.

D'Artagnan então sorriu maliciosamente e disse:

— É uma pena, Aramis. Nós, seus amigos e uma certa dama, que deixou uma carta embaixo da sua porta, sentiremos sua falta.

— Dama? Carta? Que carta é essa, D'Artagnan?

— Eu e minha mania de me abaixar para pegar as coisas! Agora não sei se está aqui no meu bolso ou se a joguei fora.

— Pelo amor de Deus, amigo, dê-me a carta — implorou Aramis.

D'Artagnan entregou o envelope ao amigo, que saiu saltitando pela sala depois de ter lido seu conteúdo.

— Ela me ama, meu grande amigo, ela me ama!

Por último, o jovem gascão foi à procura de Athos. Encontrou-o embriagado de tanto vinho e também machucado pelo duelo que feriu Porthos. Depois de contar as novidades e de beber mais um pouco, os dois amigos começaram a falar de amor. D'Artagnan disse que não tinha grandes esperanças com relação à Sra. Bonacieux. Constance era casada e nunca havia dito que guardava algum interesse pelo fidalgo.

— Deve achar-me muito jovem — concluiu D'Artagnan.

Athos então acabou fazendo uma revelação:

— Um dia fui casado, D'Artagnan.

— E por que diz “fui”? Onde está sua mulher?

— Ela morreu aos dezesseis anos e, desde então, fechei-me para o amor. Agora vamos mudar de assunto, não quero falar de coisas tristes.

Naquela noite, o nobre Gascão saiu da casa de Athos pensando no que fazer para ajudar o amigo a **SUPERAR** os acontecimentos do passado.

## Capítulo 14

### A PERIGOSA LADY CLARK

Passados alguns dias, D'Artagnan estava em frente à igreja quando viu a dama de Meung descer a escadaria e entrar numa carruagem. A cena daquela bela senhora loira conversando em inglês com o fidalgo que tinha mandado lhe bater não havia saído de sua memória. Imediatamente pensou: “Essa mulher me levará ao homem de Meung. Preciso me vingar dele”. Acelerou os galopes do cavalo



**SUPERAR:** vencer, ultrapassar





e seguiu a carruagem em direção a Saint-Germain. Quando já tinham deixado a cidade para trás, a carruagem parou de repente. D'Artagnan escondeu-se atrás de uma árvore e ouviu que a dama discutia com um homem em inglês. Espiou e não reconheceu o tal fidalgo, viu apenas que vinha num cavalo em direção oposta à da carruagem. Como o gascão era um nobre educado, foi prestar ajuda:

— Perdoe-me, senhora, mas creio que está precisando de auxílio. O cavalheiro a importuna?

— Aceitaria sua ajuda, meu bom jovem, se o senhor com quem discuto não fosse meu irmão — disse a moça em perfeito francês.

Logo depois ela entrou na carruagem e exigiu que o cocheiro seguisse viagem. O fidalgo, ofendido, tirou a espada e preparou-se para lutar com D'Artagnan. Em menos de dez minutos o homem estava no chão.

— Não o mato por consideração à sua irmã — afirmou D'Artagnan.

— Agradeço e estendo minha mão para cumprimentá-lo. Sou Lord Winter. Em sinal de amizade, convido-o para ir até minha casa — disse o nobre, também em francês.

D'Artagnan aceitou, surpreso. Tinha certeza de que ia conseguir descobrir alguma coisa. Chegando lá, Lord Winter apresentou sua irmã, que não estava com uma cara muito satisfeita.

— Esta é Lady Clark. Este é D'Artagnan, o jovem que poupou minha vida.

O gascão se lembrou de que Lady Clark era o nome da jovem que roubou as pedras de diamante do duque de Buckingham e ficou ainda mais intrigado. A visita foi rápida e quando D'Artagnan ia saindo, desanimado por não ter descoberto algo de mais **CONCRETO**, escutou um assobio. Era a criada, que o chamou para trás da casa.

— Tome cuidado, senhor — disse ela. — Lady Clark é muito perigosa. É gente do cardeal Richelieu. Lord Winter não é seu irmão, e sim seu cunhado. Ele é boa pessoa; a senhora ficou furiosa quando soube que o senhor não o matou. Além disso, ela é apaixonada por um homem perigosíssimo.

— Como ele é?

A criada descreveu exatamente o homem de Meung. Agora tudo se encaixava. D'Artagnan precisava denunciar Lady Clark ao rei, afinal era uma inglesa colhendo informações da França.

O jovem gascão partiu para a casa de Athos. Lá chegando, encontrou os três mosqueteiros. Depois de ficar a par de tudo, Porthos sugeriu:

— Precisamos de um plano para descobrir o que aquela dama está **TRAMANDO**.

— Depois vamos agir contra o cardeal — completou Athos.

 **CONCRETO:** sólido, claro, consistente

 **TRAMANDO:** conspirando, planejando

## Capítulo 15

### UMA LUTA COM LADY CLARK

Seguindo o plano **TRAÇADO** pelos mosqueteiros, D'Artagnan enviou uma mensagem à bela inglesa pedindo permissão para visitá-la mais uma vez. Lady Clark o recebeu muito bem.

- O senhor é guarda do rei? — perguntou a dama, observando o uniforme.
- Sim, estou na guarda real sob o comando do Sr. de Essarts.
- E nunca pensou em servir o cardeal?

Inteligente que era, o gascão elogiou o cardeal, mas disse que, como seu pai tinha sido um mosqueteiro, desejava seguir os mesmos passos da família. Neste momento, a dama foi tomada de um ataque de irritação e começou a falar mal do rei Luís XIII. Disse que não passava de um boneco nas mãos do cardeal. Terminou por perguntar ao fidalgo qual era o motivo de sua visita.

— Não vamos discutir, senhora. Como já lhe confessei, respeito o cardeal — disse D'Artagnan, aproximando-se de Lady Clark e fingindo interesse em se enamorar da inglesa.

Irritando-se ainda mais, Lady Clark fez um gesto brusco com o braço, como se quisesse afastar D'Artagnan de sua frente. Nisso, a manga de seu vestido desceu um pouco pelo braço, acabando por revelar o ombro direito da inglesa. O fidalgo **RECUOU**, assustado com o que viu, e a dama gritou com todas as suas forças:

- Vou acabar com sua vida! Descobriu meu segredo e agora terá de morrer!

O ombro direito da inglesa estava marcado com ferro em brasa. Tinha a figura de uma flor-de-lis, que era o símbolo usado para distinguir traidores e criminosos. D'Artagnan nem teve tempo de se defender e Lady Clark já partiu para cima dele com um punhal. O fidalgo pegou a espada e lutou com a dama até a porta da casa. Escapou pelo portão no último minuto, pois os empregados foram em defesa de sua patroa.

A tarde já ia longe e D'Artagnan galopou a toda a velocidade até a casa de Athos. Depois de se informar sobre o ocorrido, Athos convocou vários mosqueteiros a aparecerem em sua casa. Precisavam se proteger mutuamente, pois, agora mais do que nunca, D'Artagnan havia comprado uma briga com os espões do cardeal. Isso também envolvia os guardas reais, que não concordavam com os métodos de espionagem do cardeal. Além disso, todos os mosqueteiros e guardas do rei tinham de se preparar para a campanha do rei contra a Inglaterra. As lutas começariam no dia seguinte em La Rochelle, uma província francesa onde os ingleses haviam ocupado a ilha de Ré.

 **TRAÇADO:** projetado, planejado  
 **RECUOU:** andou para trás





Os presentes conversavam animadamente sobre táticas de guerra e ideias de como derrotar os ingleses, quando ouviram uma batida na porta. Athos abriu-a e deu de cara com um mensageiro de Richelieu.

— Tenho uma mensagem para o senhor D'Artagnan — disse o rapaz.

A mensagem dizia que D'Artagnan deveria estar às oito horas em ponto no palácio real. O cardeal precisava falar com ele.

— Não pode recusar um convite do cardeal — disse Athos. — Mas é claro que iremos acompanhá-lo. Não deixaremos que caminhe sozinho para dentro de uma armadilha.

Separou os mosqueteiros em três grupos de três. Cada grupo seria liderado por um dos inseparáveis, Athos, Porthos e Aramis. Às oito horas, os doze homens cercaram o palácio e D'Artagnan entrou, mostrando a carta ao porteiro. Tinham combinado um código. Caso precisasse, o gascão assobiará duas vezes de forma estridente e longa. Os mosqueteiros iriam fazer o seu **RESGATE**.

## Capítulo 16

### ESCAPANDO DAS EMBOSCADAS DO CARDEAL

Richelieu recebeu o guarda real em uma sala escura, e fez sinal para que D'Artagnan se aproximasse.

— Faça o favor de se sentar — disse, de forma irônica.

Depois de muitos rodeios, o cardeal acabou por convidar D'Artagnan para entrar em sua guarda. Prometeu que em menos de um ano o jovem gascão poderia tornar-se tenente.

— Agradeço-lhe, cardeal, mas já estou na guarda real. Além disso, meu sonho é tornar-me um mosqueteiro, como meu pai.

— Quer dizer que recusa meu convite? — indignou-se.

— Acontece, Eminência, que tenho muitos amigos entre os mosqueteiros e os guardas reais. Prometo lutar ao lado do senhor amanhã em La Rochelle. Todos lutaremos juntos em favor da França. Mas, se aceitasse seu convite agora, estaria traindo meus amigos.

— Pois muito bem, meu jovem. Tenho sido muitíssimo paciente com o senhor. Sei das coisas que aprontou desde que chegou a Paris. Pode ir, mas se algo lhe acontecer mais tarde, lembre-se de que fui eu quem o procurou para que nos entendêssemos.

No dia seguinte, as tropas comandadas pelo Sr. de Essarts saíram mais cedo para La Rochelle. Os mosqueteiros iriam **ESCOLTANDO** o rei e o cardeal

- 👉 **RESGATE:** salvamento
- 👉 **ESCOLTANDO:** acompanhando para defender

um pouco depois. Era a primeira batalha da qual D'Artagnan participava e sabia que sua responsabilidade era muito grande. Lutou praticamente o dia todo sob as ordens do comandante.

No fim da tarde, entretanto, levou um susto. Duas balas vieram na direção dele, só que da parte de trás de sua **TRINCHEIRA**. Investigou e descobriu quem tinha atirado. Era Brissefont, um rapaz desajeitado que, depois de ameaçado de morte pelo gascão, confessou ser agente de Lady Clark. Tinha sido contratado para matá-lo, mas aprendeu a admirar tanto seu companheiro durante aquele primeiro dia de luta, que se desculpou e ofereceu sua amizade a D'Artagnan.

Mais tarde, quando os combatentes descansavam exaustos em suas tendas montadas em local protegido, D'Artagnan recebeu uma encomenda. Eram doze garrafas de vinho acompanhadas de uma carta de seus amigos Athos, Porthos e Aramis.

— Que maravilha! — exclamou. — Como é bom ter amigos!

Brissefont e D'Artagnan prepararam uma mesa com as garrafas e canecos para todos beberem. Nisso, ouviram-se gritos de “Viva o rei! Viva o cardeal!”. D'Artagnan saiu da tenda para saudar a chegada do rei ao campo de batalha e encontrar os mosqueteiros. Porthos foi logo perguntando:

— Há algum vinho bom para três cavaleiros sedentos?

— É claro — respondeu D'Artagnan. — As garrafas que vocês me mandaram. Athos, Porthos e Aramis olharam-se desconfiados e, por fim, Aramis disse:

— Não enviamos vinho nenhum.

Os quatro correram para dentro da barraca e encontraram Brissefont caído no chão, com um fio de vinho escorrendo pela boca. Estava morto, o vinho tinha veneno. Agora D'Artagnan começava a se dar conta dos perigos que teria de enfrentar por recusar ser um guarda de Richelieu.

## Capítulo 17

### MISTÉRIOS SOBRE A IDENTIDADE DE ATHOS

Preocupados com a segurança de D'Artagnan, os três inseparáveis resolveram fazer uma ronda noturna durante aquela semana para vigiar os arredores do acampamento. Numa dessas noites, deram de frente com o cardeal em pessoa. Estava montado em seu cavalo e acompanhado de alguns guardas. Quando viu os mosqueteiros, dispensou seus guardas e disse:

— Vocês me acompanham. Preciso de uma escolta e não há ninguém melhor do que os três para isso.



**TRINCHEIRA:** escavação no terreno para que o buraco na terra proteja os combatentes





— Acatamos sua ordem, Eminência — disse Porthos.

Athos, Porthos e Aramis então seguiram o cardeal até uma estalagem. Chegando lá, Richelieu ordenou que eles esperassem, entrou num quarto e começou a conversar com uma mulher. Athos, resolveu subir sem fazer barulho e colocar o ouvido perto da porta. Foi então que escutou a conversa:

— Está tudo pronto para a morte do duque de Buckingham, Eminência. Tenho uma pessoa de confiança em Londres que fará o serviço sem deixar pistas — dizia a mulher.

— Muito bem, era isso que queria garantir. Aquele **INSOLENTE** acabou com meus planos contra a rainha — disse o cardeal.

— Só preciso de uma autorização do senhor para realizar o trabalho. Se acaso me prenderem ou ao meu informante inglês, tenho de apresentar algo que nos torne inocentes.

Fez-se então silêncio no quarto e em seguida ouviu-se o agradecimento da senhora.

— Muito obrigada, Eminência. Vou guardar esta carta em local seguro. Antes de o cardeal sair, Athos desceu as escadas e avisou os amigos:

— Se o cardeal perguntar por mim, digam que fui na frente como **BATEDOR**.

Rapidamente, ele se escondeu no mato e esperou o cardeal passar escoltado por Porthos e Aramis. Voltou para a pensão e entrou no quarto da dama, que quase morreu de susto ao ver Athos.

— Meu Deus, o que faz aqui, Conde de La Fére?

— Pensei que eu estivesse morto, não é? Pensei o mesmo da senhora, mas como pude ser tão tolo? Uma mulher ruim não morre fácil. Ouvi dizer que agora seu nome é Lady Clark, não é? Quando D'Artagnan me contou sobre sua marca de flor-de-lis, logo desconfiei.

Lady Clark era a esposa de Athos, que ele julgava ter morrido aos dezesseis anos. Depois do casamento, Athos, na época Conde de La Fére, amava-a tanto que a transformou em Condessa, mas, quando descobriu a marca em seu ombro, percebeu que sua amada era na verdade uma criminoso. Enraivecido, mandou matá-la, mas foi pego numa emboscada da própria Condessa e levou um tiro no peito. Por sorte conseguiu sobreviver. Como nunca mais soube da esposa, julgou que sua ordem havia sido **ACATADA** e que ela estava morta.

— Saia daqui! — gritou Lady Clark. — Casei-me com outro!

— Além de criminoso agora virou **BÍGAMA**? Imagino que seu segundo

- **INSOLENTE:** grosseiro, atrevido, inconveniente
- **BATEDOR:** numa escolta, o cavaleiro que vai na frente abrindo e protegendo o caminho
- **ACATADA:** aceita
- **BÍGAMA:** aquela que tem dois maridos ao mesmo tempo

marido esteja longe, provavelmente bem enterrado! Agora, entregue-me a carta que o cardeal lhe deu.

— Só por cima do meu cadáver!

— A senhora é quem sabe — ameaçou Athos, apontando a pistola para a dama.

Apavorada, pois viu que Athos não estava brincando, Lady Clark tirou a carta de dentro do decote e jogou-a no chão. Athos abaixou devagar, pegou a carta e leu seu conteúdo. Dizia que a pessoa que estivesse de posse dela, sem citar nomes, teria liberdade para realizar o que quer que fosse em nome do cardeal. Estava ainda assinada e carimbada por ele.

Ao sair, deixando Lady Clark para trás, Athos teve de escutar seus berros de protesto e a confissão de que, a essa altura, o duque já estava morto pelo golpe de um punhal. A inglesa não tinha dito nada ao cardeal, mas recebera uma mensagem com a notícia de que o duque morrera jurando amor à rainha há cerca de uma hora.

## Capítulo 18

# MAIS UM ENVENENAMENTO

Como a paz em La Rochelle estava próxima, Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan tiveram alguns dias de licença para voltar a Paris. O jovem gascão resolveu pedir uma audiência com a rainha Ana D'Áustria, pois queria muito reencontrar Constance. A rainha estava bastante triste e cabisbaixa, pois já sabia da morte do duque de Buckingham. Logo que o soube, o cardeal fez questão de espalhar a notícia.

— Como posso ajudá-lo, caro D'Artagnan? Ainda não retribuí o favor que me fez — disse Ana D'Áustria.

— Majestade, não é preciso retribuição. Apenas gostaria de saber onde está a Sra. Bonacieux.

— Vejo que se apaixonou por Constance, meu jovem. Sei que minha dama de companhia também o tem em alta conta, por isso irei revelar-lhe um segredo. Escondi-a em um convento em Armentières. Depois de terem-na raptado um tempo atrás e de o cardeal ter **ALICIADO** o Sr. Bonacieux, temo por sua vida. Tome, aqui está o endereço. Mandarei uma mensagem a ela hoje mesmo dizendo que o senhor irá resgatá-la.

D'Artagnan saiu de lá satisfeito. Finalmente iria poder se unir à sua amada. O que ele não sabia era que Constance estava prestes a cair em mais uma



**ALICIADO:** atraído, seduzido





emboscada do cardeal. Por ordens de Richelieu, Lady Clark foi enviada para o mesmo convento, fingindo ser também perseguida pelo cardeal. O eclesiástico queria, a todo custo, enfraquecer e assustar a rainha. Para isso, iria atingir sua amiga e criada, a Sra. Bonacieux.

Lady Clark se passou por amiga de Constance. A doce servidora da rainha sentiu-se confortada pela nova amizade e acabou por revelar à inglesa que recebera uma mensagem da rainha informando que, em breve, D'Artagnan iria buscá-la. Estava muito feliz.

D'Artagnan pediu que seus amigos o acompanhassem. Os três inseparáveis atenderam ao pedido prontamente. Resgatar uma dama das garras do cardeal era uma honra para todos eles.

Quando já se podiam escutar os galopes dos cavalos se aproximando, a Sra. Bonacieux começou a sentir seu coração palpitar mais rápido.

— Sinto que me falta o chão, cara amiga. Estou fraca, creio que seja de emoção — disse a frágil moça, sentando-se na cama de seu quarto.

Lady Clark, mais do que depressa, colocou um pouco de vinho num copo, adicionou um pó que ela escondia dentro do anel e estendeu o braço a Constance.

— Venha, apoie-se em mim e beba este vinho. Irá sentir-se mais forte.

A fiel criada da rainha bebeu a taça num só gole, enquanto Lady Clark batia a porta e descia a escadaria correndo, procurando fugir por trás do convento. Quando D'Artagnan entrou no quarto, encontrou Constance deitada na cama, com a mão no pescoço, como se estivesse sufocando.

— Aquela mulher... me envenenou — disse, já sem forças.

— De que mulher está falando, minha amada?

Era tarde, a bela Constance estava morta. D'Artagnan chorou como criança. Lady Clark foi pega pelos mosqueteiros tentando escapar. D'Artagnan, inconformado, levou pessoalmente a inglesa para a prisão na corte e forneceu todas as provas para o enforcamento da criminosa. Athos sentiu-se aliviado por saber que a antiga Condessa de La Fére não iria mais espalhar o mal.

## Capítulo 19

### UMA PROMOÇÃO INESPERADA

D'Artagnan mal teve tempo de sentir a morte de sua amada e precisou voltar a La Rochelle. O Sr. de Essarts mandou chamá-lo, uma vez que sua licença estava no fim. No caminho para o campo de batalha, acompanhado pelos três mosqueteiros, viu se aproximar a galope seu maior inimigo, o homem de Meung.

— Vou matá-lo! — gritou enfurecido.

O fidalgo não parecia ter medo. Aproximou-se e disse:

— Sou o Cavaleiro de Rochefort e fiel servidor do Cardeal Richelieu. Tenho ordens para levá-lo preso — disse, estendendo uma ordem de prisão a D'Artagnan.

Vendo a assinatura e o **TIMBRE** do cardeal na carta, Aramis o aconselhou:

— É melhor não resistir, amigo. Vamos acompanhá-lo antes de voltar a La Rochelle.

Na manhã seguinte, quando D'Artagnan foi tirado do **CÁRCERE** do palácio e levado à presença do cardeal, sentiu que as coisas não seriam fáceis desta vez. O eclesiástico não se conformava com a morte de Lady Clark.

— Com que autoridade um jovem provinciano como o senhor manda enforcar uma dama de respeito?

— Mandei enforcar aquela criminosa por ordens suas, Eminência — disse D'Artagnan com um sorriso discreto nos lábios.

— Por ordens minhas? O senhor está louco? — gritou Richelieu.

— Não, senhor. Aqui está a sua ordem — explicou D'Artagnan, mostrando ao cardeal a carta que Lady Clark havia entregue a Athos sob protesto.

Diante daquilo, o cardeal se viu vencido pela inteligência e **BRAVURA** do gascão. Depois de lê-la, rasgou a carta, sentou-se à mesa em silêncio e escreveu outra.

— Aqui está — disse o Cardeal, estendendo o novo papel a D'Artagnan. — O que o senhor tanto desejava.





— Não pode ser, Eminência. É muita honra! — exclamou D'Artagnan, louco de alegria.

A carta era uma indicação para que o guarda real se tornasse tenente dos mosqueteiros. O rei Luís XIII aceitou a indicação de seu ministro com muito gosto, pois sabia das inúmeras qualidades de D'Artagnan desde sua chegada à corte. O Sr. de Essarts ficou chateado por perder um guarda tão valente em sua tropa, mas o Sr. de Tréville foi o primeiro a cumprimentar o novo mosqueteiro durante a cerimônia que **CONSUMOU** a nomeação do novo tenente. Os três inseparáveis, que na verdade já eram quatro, ficaram muito felizes e orgulhosos por terem um chefe como D'Artagnan.

## Capítulo 20

### EPÍLOGO

Depois de um longo tempo, os ingleses se retiraram do território francês e fez-se a paz em La Rochelle. Aramis voltou a ter vontade de se tornar um

-  **TIMBRE:** marca, selo, carimbo
-  **CÁRCERE:** prisão subterrânea, cela de cadeia
-  **BRAVURA:** coragem
-  **CONSUMOU:** completou, realizou



eclesiástico e entrou para um mosteiro próximo de Paris. Porthos casou-se com uma duquesa muito rica e passou a ter vida de rei, regada a vinho e comida farta. Athos serviu entre os mosqueteiros sob as ordens de D'Artagnan por mais algum tempo e depois resolveu se aposentar. Mudou-se para uma pequena propriedade rural que herdara de seu pai e foi experimentar uma vida no campo, mais calma e sem tantas aventuras. Os empregados Bazin, Grimaud e Mousqueton seguiram seus patrões, e Planchet chegou a tornar-se sargento. D'Artagnan lutou contra o Cavaleiro de Rochefort, o homem de Meung, três vezes. Como nenhum dos dois conseguiu matar o outro, resolveram ser amigos. O Sr. Bonacieux continuou trabalhando em sua estalagem e nunca soube ao certo o que aconteceu com sua esposa. O mais importante foi que os quatro mosqueteiros mantiveram o lema de amizade e confiança que os levou a viver tantas aventuras juntos: "Um por todos e todos por um!"

## ROTEIRO DE LEITURA

- 1) O que você achou do conselho que D'Artagnan recebeu do pai quando saiu de casa? Ele seguiu o conselho quando chegou a Paris?
- 2) Por que o Sr. de Tréville estava bravo com os mosqueteiros? Ele tinha motivos para isso?
- 3) Por que D'Artagnan queria perseguir o homem de Meung? Você já foi roubado? Como reagiu?
- 4) Qual foi o preço pago por D'Artagnan por ter sido tão atrapalhado no seu primeiro dia em Paris?
- 5) Por que os guardas do cardeal e os mosqueteiros entravam em conflito toda hora? Você acha que eles tinham motivo para brigar? Por quê?
- 6) Qual foi o segredo descoberto pela Sra. Constance Bonacieux que acabou causando seu rapto?
- 7) Por que D'Artagnan quis lutar com o duque de Buckingham? Você acha que D'Artagnan foi precipitado em puxar a espada ou agiu para se defender?
- 8) Como o duque de Buckingham conseguiu entrar no palácio real? O que ele foi fazer lá? Se fosse você, teria feito a mesma coisa, mesmo sabendo que a rainha não tinha escrito a carta?
- 9) Por que o Sr. Bonacieux foi preso? Como o cardeal mudou a opinião do dono da pensão?



- 10) Qual foi a trama armada pelo cardeal Richelieu contra a rainha depois da visita do duque?
- 11) Por que D'Artagnan aceitou a missão de salvar a honra da rainha? Qual era a missão?
- 12) Como Richelieu foi derrotado?
- 13) Como D'Artagnan conheceu Lady Clark pessoalmente? Do que ele desconfiou?
- 14) Qual era o terrível segredo de Lady Clark? O que você acha do fato de os criminosos serem marcados com ferro em brasa no antigo reino da França?
- 15) O que aconteceu com D'Artagnan no seu primeiro dia de luta em uma trincheira do campo de batalha de La Rochelle? Além disso, quem foi envenenado e por quem? Para quem o veneno era destinado?
- 16) Qual era o mistério sobre a suposta esposa morta de Athos?
- 17) Qual foi a última maldade realizada por Lady Clark antes de morrer? Como se sentiu D'Artagnan depois do crime?
- 18) Que surpresa teve D'Artagnan quando foi preso e levado à presença de Richelieu? Com que "armas" o gascão venceu o cardeal?
- 19) O que aconteceu com Athos, Porthos e Aramis depois da promoção de D'Artagnan? Qual a lição de amizade transmitida pelos quatro mosqueteiros?
- 20) De qual personagem você gostou mais? Qual você gostaria de ser?



# OS TRÊS MOSQUETEIROS

**Alexandre Dumas**

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Alexandre Davy de la Pailleterie, conhecido como Alexandre Dumas por ser filho do general Thomas A. Dumas, nasceu em Villers-Cotterêts, França, no dia 24 de julho de 1802, e morreu em Puys, uma pequena cidade francesa, no dia 5 de dezembro de 1870. Quando tinha vinte anos, resolveu mudar-se para Paris. Levando consigo uma carta do General Fay, conseguiu um emprego num escritório. Naquela época, começou a escrever poemas e romances e logo publicou seu primeiro livro, *La Chasse et l'Amour*, em parceria com um amigo.

*Os Três Mosqueteiros* foi lançado em 1844 e logo se tornou um sucesso internacional. Aventuras acompanhadas de humor são a chave para agradar o público de Dumas, que pode escolher diversão e entretenimento nas diversas obras do autor. As mais famosas são: *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois* e *O Visconde de Bragelonne*, duas obras nas quais os mosqueteiros continuam suas aventuras. Publicou também *A Tulipa Negra*, *O Conde de Monte Cristo*, *A Máscara de Ferro*, *Os Irmãos Corsos*, *O Cavaleiro da Casa Vermelha*, *A Rainha Margot*, *O Colar da Rainha*, *A Condessa de Charny* e *Memórias de um médico*.

Dumas foi considerado um dos escritores mais lidos em todo o mundo, além de ter conseguido muito dinheiro com as vendas de seus livros. No entanto, não soube administrar sua riqueza e morreu pobre.

